



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA VOLUNTÁRIA – PICVOL

**EDIÇÃO FILOLÓGICA E ESTUDO LÉXICO-SEMÂNTICO DE PROCESSOS-
CRIME DE CURANDEIRISMO
Estudo do campo lexical do curandeirismo**

Área do conhecimento: Letras e Artes
Subárea do conhecimento: Letras
Especialidade do conhecimento: Língua Portuguesa

Relatório Final
Período da bolsa: de agosto de 2018 a julho de 2019

Este projeto é desenvolvido com bolsa de iniciação científica

PICVOL

Orientadora: Renata Ferreira Costa Bonifácio
Autora: Letícia Santos



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

SUMÁRIO

1. Introdução.....	2
1.1 Contextualizando.....	2
1.2 Corrente Positivista.....	2
1.3 Discurso médico-higienista.....	3
1.4 Curandeirismo.....	6
1.5 Processos-crime sergipanos de curandeirismo.....	9
1.6 Teorias lexicais.....	10
2. Objetivos.....	14
3. Metodologia.....	15
4. Resultados e discussões.....	17
5. Conclusões.....	42
6. Perspectivas.....	42
7. Referências bibliográficas.....	43
8. Outras atividades.....	45



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

1. Introdução

1.1 Contextualizando

No século XIX, o termo “cientista” foi utilizado pela primeira vez por Charles Darwin, na obra “A origem das espécies”. Isso porque, nesse século, houve um grande avanço em diversas áreas do saber, como a física, química, sociologia, psicologia e medicina. Tendo em vista que, nessa época, a pesquisa desenvolveu-se e a cientificidade dos fatos ganharam poder, o discurso médico-higienista, trazido da Europa para o Brasil, proliferou-se. Os médicos desenvolviam teses para tratar as doenças comuns da época, como febre amarela e tuberculose, mas perceberam que outros fatores deveriam ser levados em consideração no tratamento. Para esses profissionais, os espaços urbanos deveriam estar adequados para dar assistência à sociedade, havendo uma fiscalização em relação à educação infantil, cuidados com a higiene, cuidados sanitários e, inclusive, comportamento social. No entanto, essa tentativa de “normalização” da sociedade gerou, também, discriminação ao que fugia do “padrão” e da medicina dita científica, fazendo surgir modelos influenciados pela corrente positivista.

Diante disso, os praticantes de curandeirismo, comuns à época no Brasil, por conta não só, mas principalmente das influências das culturas indígena e africana, sofriam com a perseguição elitista e cientificista, uma vez que suas ações envolviam a cura de alguém por meio da administração de substâncias, gestos ou palavras, recorrendo a forças ocultas.

Na tentativa de resgate histórico do curandeirismo como crime e uma reflexão sobre os processos criminais cuja produção teve como motivação alguma prática de cura místico-religiosa, levantamos, neste trabalho, as lexias referentes ao campo lexical do curandeirismo, presentes em dois processos produzidos em Sergipe no século XIX e salvaguardados no Arquivo Judiciário do Estado.

1.2 Corrente Positivista

O Positivismo é uma corrente filosófica iniciada no século XIX, na França, tendo como fundador o filósofo Augusto Comte, discípulo de Claude-Henri de Rouvroy. Embora Rouvroy já tivesse se apropriado desse termo antes, para designar o cientificismo enquanto método, foi só com Comte que o positivismo se tornou uma corrente filosófica.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

Essa corrente tinha como característica determinar a ciência como a única forma de conhecimento verdadeiro, em oposição à metafísica e ao mundo espiritual. Dispensam-se, dessa forma, interpretações subterrâneas para entender os fenômenos, sejam eles sociais, políticos, econômicos, etc. Para entender o mundo, portanto, seria necessário partir de um método de observação – empírico – para alcançar conclusões, partindo do princípio de que para toda causa há um efeito, de forma objetiva e racional. As disciplinas que se apropriam dessa corrente, até hoje, são as ciências da natureza e a matemática.

Augusto Comte também criou a Religião da Humanidade. Essa religião tinha como objetivo difundir o altruísmo na sociedade, fazendo com que todos pensassem suas ações através de um bem maior, para que a ordem e o progresso fossem difundidos. O ser supremo dessa religião seria a “Humanidade Personificada”, que tinha como função aperfeiçoar os indivíduos de todas as gerações, fossem elas passadas, presentes ou futuras. Tem como função, também, fortalecer os laços sociais, pois a Humanidade celebrava homens e mulheres que marcam a história (MARTINS, 2011).

No Brasil, esse pensamento chega em meados do século XIX. Seus ideais serão propagados por Miguel Lemos (1854-1917), Teixeira Mendes (1855-1927), Benjamin Constant (1836-1891), Deodoro da Fonseca (1827-1892), Floriano Peixoto (1839 -1895), Tobias Barreto (1839-1889) e Silvio Romero (1859-1914). Essa visão positivista, no Brasil, teve influência direta para a criação do lema “Ordem e Progresso” inscrito em nossa bandeira nacional. Nesse sentido, o progresso será dado se a ordem social for mantida.

Dessa forma, tudo que fugisse desse padrão cientificista era tido como fora de ordem e maléfico à sociedade. Foi, portanto, através dessa corrente que houve a influência bastante forte no Brasil dos discursos civilizatório e médico-higienista, que tinham como finalidade higienizar, cuidar e civilizar, colocando os curandeiros como pessoas que atrapalhavam a progressão dos métodos de cura científicos, ditos como corretos.

1.3 Discurso médico-higienista

No século XIX, a ciência fortaleceu-se de maneira significativa, dando surgimento ao discurso médico-higienista. Os médicos desenvolviam argumentos e ações para tratar as doenças comuns desse século, como febre amarela e tuberculose, mas perceberam que outros fatores deveriam ser levados em consideração no tratamento. Para esses profissionais, os espaços urbanos deveriam estar adequados para dar assistência à sociedade, sendo necessária uma fiscalização em relação à educação infantil, cuidados com a higiene, cuidados sanitários e, inclusive, comportamento social. Esse discurso pode ser



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

melhor compreendido em teses criadas pelos médicos, que abordavam desde os exercícios físicos para melhorar a saúde até como as salas de aula deveriam ser distribuídas. De acordo com Abreu Jr. e Carvalho (2012, p. 306-307), para os higienistas, os hábitos saudáveis moralizam e uma vida virtuosa é saudável, assim moralidade e saúde são condições e decorrência de hábitos de trabalho, de modo que uma vida laboriosa é uma vida essencialmente moral e saudável.

Esses profissionais tinham papel fundamental na sociedade e seus conhecimentos científicos não eram dados de maneira limitada. A medicina era considerada portadora do saber científico (GONDRA, 2004), desse modo, tudo que fugisse da cientificidade era deixado à margem. Nesse sentido, surge, também, um discurso civilizatório, que interfere nos pensamentos da população em relação às suas atitudes e em como os espaços passam a ser construídos. Os indivíduos, portanto, precisam adequar suas escolhas nessa sociedade, imitando o modelo Europeu. A esse respeito, Costa (2013, p. 67) afirma que

O discurso higienista define a organização do espaço urbano, interfere nas políticas de urbanização das cidades européias e é utilizado para justificar grandes intervenções urbanas. Com o retorno das teorias hipocráticas, domina a concepção geográfica/ecológica, em que a doença é localizada no meio ambiente, ou seja, na água, na terra e no ar, três elementos indispensáveis da natureza, mas que se tornam inimigos em potencial.

Verifica-se que o discurso médico-higienista foi influenciado pelo discurso civilizatório, o qual induziu a uniformização dos comportamentos humanos, colocando-os num modelo comum de conduta. Norbert Elias explica melhor esse processo em seus livros *O Processo Civilizador: uma História dos Costumes* (1935) e *Processo Civilizador: Formação do Estado e Civilização* (1939). O autor afirma que essa interferência civilizatória pode ser notada no modo de falar das pessoas, na forma como sentavam-se à mesa, no modelo familiar, etc. Todos esses fatores possibilitaram ainda mais as relações de poder. A elite operava sobre as classes baixas, e estas tinham que deixar de lado seus costumes identitários, reinventando uma espécie de segunda natureza. Elias (1994, p. 128) salienta que “as pessoas, no curso do processo civilizatório, procuram suprimir em si mesmas todas as características que julgam ‘animais’”.

Tudo que fugisse desses modelos uniformes de conduta sofria perseguição e era colocado à margem da sociedade. Um exemplo dessa discussão está presente no livro “O Poder dos Candomblés”, em que Edmar Ferreira Santos (2009) apresenta uma análise histórica, antropológica e discursiva da perseguição que as religiões de matriz africana sofriam na cidade de Cachoeira, na Bahia, nas



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

primeiras décadas do século XX, como ficou registrado especialmente no jornal cachoeirense “A Ordem”, que retrata bem as ideologias civilizatórias que ganhavam força.

Para a elite da cidade,

[...] era necessário expurgar da cidade os “costumes negreiros” importados da Costa da África. Era inadmissível para os setores letrados locais a presença desses maus costumes “dentro da cidade”. Na defesa da civilização, da tranquilidade, do trabalho e da moral das “famílias honestas”, a imprensa propugnava o combate à vadiagem e aos costumes de “negros selvagens”. Nesse sentido, por fim, criminalizava o que chamava de “negros desocupados” em suas “folias macabras”, tornando-os caso de polícia. (SANTOS, 2009, p. 29)

Percebe-se a recriminação da cultura africana, pois seus costumes são/eram diferentes do que a ciência pregava/prega e, por isso, não era/é bem vista. Nesse jornal, há uma série de insultos contra os costumes provenientes da África, tidos como “bárbaros” e “selvagens”.

Assim, para a compreensão do *corpus* desta pesquisa, foi de extrema relevância estudar o contexto socio-histórico e cultural da época de sua produção, para que se pudesse entender como esses pensamentos modeladores estavam presentes, ainda que de maneira implícita, nos processos-criminais relativos à prática do curandeirismo, uma vez que essas práticas terapêuticas eram comuns e sofriam com a perseguição elitista e cientificista, pois eram tidas como “não civilizadas”, visto que envolviam a cura de alguém por meio da administração de substâncias, gestos ou palavras, recorrendo a forças ocultas, ou seja, por meios irracionais.

1.4 Curandeirismo

A Bíblia apresenta a história de Adão e Eva como uma razão pela qual existe pecado no mundo e, conseqüentemente, as doenças. Embora algumas pessoas não acreditem nesse livro cristão, acabam concordando que as doenças sempre existiram. No entanto, nem sempre houve um tratamento científico para tratá-las. Por isso, desde os primórdios há uma necessidade de cura, que é tão antiga quanto as doenças. Por mais que nem toda a sociedade acredite em um Deus bíblico, a maioria crê que há uma força maior capaz de curar a humanidade das enfermidades.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

A história das práticas de cura é pouco explorada pelos estudiosos. Geralmente, quando se fala sobre o assunto, é para tratar da história da medicina e da proliferação científica. Dessa forma, os métodos de cura que antecedem a medicina acabam sendo esquecidos. Todavia, é importante lembrar que, desde 500 anos a.C., já havia registros sobre a utilização de plantas para fins medicinais (DUARTE, 2006), tendo influência direta nas culturas chinesas, africanas e indígenas. Os povos dessas etnias, até os dias atuais, acreditam no poder da biodiversidade para atender aos doentes.

Assim, surge o papel de curandeiro, que é designado a pessoas que se apropriam de práticas terapêuticas místico-religiosas, que tem a função social de curar o outro através do manuseio de plantas, ervas, gestos, palavras, etc. No entanto, esse grupo de pessoas sofre preconceito, pois são tratados como feiticeiros, ignorantes, charlatões, que atrapalharam a aceitação das práticas medicinais, visto que, nessa época, eram raras e ainda estavam em fase de proliferação. Desse modo, a medicina era apenas uma das várias práticas de cura existentes (NIKELEN, 2000).

Nesse sentido, é primordial conhecer os motivos pelos quais existiam essas práticas, procurando inserir-se no contexto sociocultural da época. Os curandeiros foram fundamentais para ajudar a população com suas práticas de cura, e estabeleciam uma relação de confiança para com seu público. Como afirma Nikelen (2000, p. 186):

Os curandeiros, no passado, estavam profundamente inseridos no dia-a-dia dos homens e mulheres com quem conviviam. E somente se compreenderá a posição que ocupavam se procurarmos as motivações que determinavam a escolha deste ou daquele curador.

Ou seja, para os indivíduos inseridos nesse contexto, era mais viável apropriar-se dessas práticas, já que as pessoas não tinham o hábito de procurar médicos porque a ciência ainda não estava tão desenvolvida e tinham receio quanto à procura de soluções medicinais, através de remédios, etc. Era mais fácil pedir ajuda de algum conhecido curandeiro, que era considerado da classe “popular”, do que arriscar-se a um modelo cientificista e elitista. Outrossim, o número de médicos existentes era inferior ao número de habitantes, e isso dificultava a extensão desses profissionais para todo território brasileiro. Outro fator que dificultava a crença na medicina tradicional era a falta de estrutura dos hospitais, assim, como afirma Molar (2012), “esses lugares possuíam precária infraestrutura. Internavam-se pacientes em um mesmo quarto com enfermidades diferentes, isto é, o risco de contrair novos males era grande, fato que afligia o doente e seus familiares.”



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

Além disso, havia dois tipos de profissionais de “medicina” na época. O primeiro eram os “médicos oficiais”, título conduzido pelo Estado para as pessoas que tinham a habilitação para atuarem como médicos através de uma averiguação dos seus conhecimentos práticos. Já os “médicos acadêmicos” eram aqueles que tinham passagem por faculdades de medicina no país, seja em Salvador ou no Rio de Janeiro. Entre essa oposição, existia rivalidade, uma vez que, para ser médico, na época, não era necessário um diploma de medicina, a licença do Estado já seria suficiente.

Os médicos acadêmicos não concordavam com essa situação. Contudo, como os avanços nos estudos de anatomia e fisiologia ainda eram parcos, não havia muita diferença entre essas oposições. Ambos tinham potencial para atuar na sociedade (NIKELEN, 2000, p. 188).

Outrossim, a medicina buscava, a todo custo, sobressair-se em relação não só às práticas de cura “populares”, mas também entre si, num jogo hierárquico. Como a medicina era pluralizada, sendo dividida em grupos de médicos oficiais e acadêmicos, ocorria uma certa rivalidade. Os grupos acadêmicos tomavam atitudes prezando o saber científico e menosprezavam o trabalho dos médicos que tinham habilitação para exercer a profissão, mas não tinham o diploma oficial. Enquanto isso, os curandeiros mantinham-se estáveis, uma vez que parte da população confiava mais em seus métodos terapêuticos do que nos dos grupos que competiam. Optavam, portanto, pelas práticas populares, pois já estava acostumada e familiarizada (NIKELEN, 2000, p. 191).

Diante de tudo isso, percebe-se que a população não aceitou facilmente a medicina científica e que medidas precisavam ser tomadas para que essa reação não resultasse em um número cada vez mais elevado de doentes. Por isso, decidiram criar uma instituição chamada Fisicatura-Mor, que tinha como objetivo dar licença aos curandeiros para praticar suas curas, desde que seguissem as regras estabelecidas.

A Fisicatura-mor delimitava bem o que cada categoria podia fazer: a utilização de ervas medicinais nativas para curar doenças leves, por exemplo, era função do curandeiro; a parteira, por sua vez, só podia realizar partos; já as escarificações e a aplicação de ventosas e sanguessugas ficavam a cargo dos barbeiros e sangradores. (TORRES, 2008)

No entanto, essa instituição consolidou-se somente de 1808 e 1828, e não foi suficiente para ter controle sobre os curandeiros. Esses grupos continuaram atuando e indo além das regras estabelecidas, pois tinham a confiança da população e chegavam com mais facilidade a suas casas. Ademais, não



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

cobravam/cobram nada em troca das suas práticas de cura; sendo este ato, para eles, um intermédio da fé.

Assim sendo, fica claro que os curandeiros antecederam os saberes científicos, e isso é resultado da fé que as pessoas têm em uma religião ou num ato simbólico que estabeleça uma conexão com o divino e sobrenatural. No Brasil, a maioria das pessoas acredita na ação do sagrado na prevenção e na cura de enfermidades. “Cerca de 89% da população brasileira concorda que religião é importante, 50% já se utilizaram de algum tipo de serviço religioso”, conforme Mello e Oliveira (2013). Embora hoje já haja uma procura maior pela medicina tradicional, também há uma colaboração desta com a medicina popular, e os curandeiros continuam ajudando nesse processo de libertação das enfermidades.

Diante das discussões apresentadas, percebe-se a relevância deste trabalho, que tem como um dos objetivos resgatar, também, a memória das representatividades que os curandeiros tinham, uma vez que, geralmente, quando se estuda sobre as práticas de cura populares, elas são colocadas em segundo plano, sendo “a outra” parte da história. Os curandeiros são vistos, na maioria das vezes, como pessoas que atrapalharam a evolução da medicina.

1.5 Processos-crime sergipanos de curandeirismo

Os arquivos nos possibilitam ricas fontes de estudos. Para encontrar tais fontes, não é preciso muito esforço, afinal, todos somos arquivistas, como afirmam Caleiro, Silva e Jesus (2011, p. 303). Guardamos, no decorrer da vida, cartas, diários, diplomas, certificados, contas, etc. Uma carta, por exemplo, quando relida dez anos depois, permite a análise de quem éramos, do que pensávamos, do contexto em que esse gênero foi escrito, etc. No entanto, para este trabalho, em específico, os documentos em consideração são processos-crime depositados em arquivos públicos, mais especificamente, aqueles produzidos em Sergipe, sob a guarda do Arquivo do Judiciário.

Os processos-crime possibilitam que o pesquisador possa fazer uma abordagem com objetivos diversos. Entretanto, para dar início a esses estudos, é primordial saber quem produziu esses documentos, em qual momento e atendendo a quais normas. Dessa forma, permitem uma análise crítica da veracidade do crime descrito. Para que essa análise seja feita, é importante lembrar que os processos criminais não foram feitos para serem estudados. Eles dão a possibilidade, mas não é esse seu objetivo principal. Por isso, quando o pesquisador vai a um arquivo, faz a transcrição do documento e vai lê-lo, precisa estar ciente de que o processo busca colocar em pauta os fatos criminosos, tal como aconteceram. Cabe ao pesquisador fazer sua investigação a respeito do que procura (SANTOS, 2011, p. 2758).



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

Essa investigação não pode ser fantasiosa. Não é permissível nem respeitoso que o pesquisador tente reinventar os fatos. É necessário, sim, um trabalho que tenha como metodologia o estudo da época em que ocorreu o crime, das suas leis, do motivo de elas existirem, etc. No caso de um estudo no âmbito da Filologia, deve haver, também, uma averiguação do estado material em que o documento se encontra e do seu estado de língua, detalhando-os. O pesquisador precisa estar atento para seu trabalho não ser uma mera suposição dos fatos, como observa Santos (2011, 2758):

Ora, é claro que não podemos obter o acesso ilimitado ao que de fato aconteceu. Mas isso não significa que podemos fantasiar/fabular e escrever o que quisermos sobre o fato. Existem graus de probabilidade e razoabilidade, conseguidos por meio de nossa empatia com o mundo e as pessoas, derivadas das próprias fontes.

Ademais, o mesmo processo-crime pode ser estudado com diferentes finalidades e perspectivas. No caso do trabalho com o curandeirismo, serão analisadas atentamente as lexias referentes a esse campo lexical. Porém, poderia ser feita uma análise com alguma outra abordagem linguística e até mesmo histórica (CALEIRO; SILVA; JESUS, 2011).

É importante ressaltar ainda que os processos, por serem de ordem judicial, atendem, geralmente, às demandas das elites, especialmente nos registros do século XIX e XX. No caso dos crimes relacionados às práticas de cura, os discursos médico-higienista e civilizatório estavam atravessados nesses documentos. Por isso, foi necessário estabelecer um diálogo com a história da época e tentar entender os motivos pelos quais essas práticas eram dadas como criminosas, para fazer um estudo apurado e distante de anacronismos.

1.6 Teorias lexicais

É através da linguagem que o homem se constitui como sujeito, consoante Benveniste (1991, p. 288). Por isso que, para esse linguista, numa visão pós-estruturalista, forma e sentido têm que estar alinhadas. Desta forma, as teorias do linguista Saussure, sozinhas, não contemplariam os aspectos semânticos da linguagem, tendo em vista que essas teorias se dão somente por signo e significado. Essa visão estrutural da língua limita seu uso e seu estudo, pois é através dos aspectos da linguagem que há a viabilidade de conhecer a cultura de um povo. No entanto, embora o estruturalismo impossibilite entender os diversos significados em torno dos textos, é importante conhecer algumas teorias pautadas nessa linha de pensamento, para que se possa ter um olhar crítico e reflexivo.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

Nesse sentido, dá-se a relevância dos estudos da língua em seus diferentes campos, pois esses estudos possibilitam um melhor entendimento dos mecanismos que um indivíduo ou grupo utiliza para apropriar-se da linguagem. Em um desses campos linguísticos, encontra-se a Lexicologia, que é uma ciência recente e tem como objetivo estudar o léxico de uma determinada língua, levando em consideração seu próprio sistema linguístico e podendo ser relacionado a outros, como afirma Abbade (2011, p. 1332). Essa ciência permite que os pesquisadores possam perceber a evolução do léxico e fazer estudos diacrônicos, uma vez que a língua está em constante evolução e seus significados podem alterar-se com o decorrer do tempo. Além disso, permite também a notoriedade e o resgate da história de um povo de uma determinada época, considerando sua cultura, crenças, contexto político, etc.

Para apropriar-se desta ciência, a Lexicologia, é primordial diferenciar nomenclaturas que lhe dizem respeito. O léxico de uma língua confunde-se, muitas vezes, com os vocábulos e palavras. O vocabulário pode ser entendido como o subconjunto que se encontra em uso efetivo por um determinado grupo de falantes, em uma determinada situação, ou seja, vocabulário é o conjunto de palavras utilizadas por determinado grupo (ABBADÉ, 2011, p.1333). O vocabulário, portanto, é algo recorrente a um grupo, precisa ser usado constantemente. Os vocabulários usados na região do Nordeste, por exemplo, não são os mesmos usados na região Sudeste. Por isso que é normal a falta de conhecimento de alguns vocábulos quando uma pessoa de uma determinada região vai para outra.

Os termos léxico e palavra também apresentam diferenças, embora muitos confundam e coloquem essas duas nomenclaturas como sinônimos. O léxico são unidades significativas que têm uma referência e uso social. Na frase “A menina é bonita”, por exemplo, só há duas lexias: “menina” e “bonita”. Artigos, preposições, conjunções são apenas palavras gramaticais. Sendo assim, todo léxico é uma palavra, mas nem toda palavra é um léxico; para ser léxico, é necessário um referencial. É por isso que o dicionário é composto por lexias, pois são elas que têm significados. No entanto, é importante lembrar que os significados das lexias podem mudar com a passagem do tempo.

De acordo com Biderman (1984), o léxico faz parte do conhecimento que uma dada comunidade tem, num aspecto cognitivo, pois o que se aprende é armazenado na memória e resgatado quando há necessidade. Para alcançar esse armazenamento, existem dois tipos de *corpus*: o *corpus* de frequência e o *corpus* de disponibilidade. O primeiro é usado para vocábulos que aparecem em grande quantidade em diferentes situações de interações. Já o *corpus* de disponibilidade dá-se através dos vocábulos que são usados numa frequência menor, mas que, a



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

depender da situação, são resgatados através do falante, contendo motivações para esse resgate e intenções comunicativas.

Dessa forma, é através do léxico que se consegue perceber o vocabulário de uma determinada comunidade e sua realidade extralinguística, podendo alcançar os significados sobre uma determinada cultura, assunto, etc. E, tratando especialmente da cultura de um povo, os estudos lexicais ajudam a alcançar o entendimento sobre suas ideologias e costumes, uma vez que as lexias são signos linguísticos que categorizam os nossos pensamentos. Conforme Cunha (2004, p.233):

Com a palavra criaram-se e destruíram-se mundos, selaram-se destinos, elaboraram-se ideologias, proferiram-se maldições e blasfêmias, expressaram-se ódios, mas também com ela – e só com ela –, em tantos e tão desvairados povos, falou-se de amor, consolaram-se aflições e elevaram-se preces ao seu Deus. Ela tem sido, através do tempo, a mensageira do bem e do mal, da alegria e da dor.

Por isso, o léxico é tão importante para manter-se em sociedade. É através do léxico que o ser humano pode ser um sujeito ativo, demonstrando seus interesses, seus pensamentos, sua personalidade. Por isso, também, novas lexias vão surgindo com o decorrer do tempo. Novas gerações vão vindo e, com elas, novas necessidades. É o que afirma Xavier (2014, p. 197): “à medida que surgem novos elementos a serem nomeados como, por exemplo, as novas tecnologias, e, por outro lado, que outros são temporária ou definitivamente postos de lado.”s

Biderman (1984, p. 80) caracteriza o léxico como um sistema aberto, pois está em constante mudança e apresenta sempre novas lexias criadas pelas comunidades, já que “todo sistema linguístico manifesta, tanto no seu léxico como na sua gramática, uma classificação e ordenação dos dados da realidade que são típicas dessa língua e da cultura com que ela se conjuga”. Nesse viés, os conhecimentos lexicais, especialmente suas escolhas em funcionalidade, são primordiais para entender aspectos físicos e mentais dos indivíduos. Destarte, Biderman (1984) afirma não ter como considerar a forma léxica livre da significação. Outro autor que compactua com a mesma ideia é Benveniste (1991), que observa que do léxico podemos chegar ao nível de frase, por isso que, para entender as unidades lexicais, é necessário realizar uma segmentação do discurso em que elas estão inseridas.

Para entender melhor o sistema lexical de uma língua, é necessário compreender seu modelo estrutural. Embora a estrutura, por si só, não contemple todos os aspectos necessários para entendimento da língua, precisa ser estudada, pois é a partir da estrutura que se podem fazer outras considerações, seja para



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

comparar com outras teorias ou fazer reflexões. Uma dessas teorias estruturalistas é a lexemática, que é uma ciência que estuda o significado do léxico. Essa ciência não se preocupa em entender as lexias num discurso ou ato de fala, mas sim sua representatividade num plano estrutural, colocando o significado na própria língua de forma objetiva. Dessa forma, a lexemática trata das invariantes do significado que as lexias apresentam. Há quatro princípios gerais que ajudam a entender melhor os estudos que essa ciência propõe: funcionalidade, oposição, sistematicidade e neutralização.

O princípio da funcionalidade diz respeito à expressão do sistema linguístico nas relações de linguagem; a oposição explica que as unidades funcionam por meio de oposição, expressas num modelo binário, exemplo: longe/perto - o perto pode ser analisado como o que não é longe; a sistematicidade refere-se à suposição das unidades lexicais, partindo do princípio de que as diferenças surgem de maneira sistemática; por último, a neutralização dá-se quando precisa generalizar algo, sendo essa generalização comum em oposições (ABBADÉ, 2011, p.1336).

Segundo Coseriu (1977, p. 229):

La tarea fundamental de la lexemática en cuanto disciplina estructural descriptiva consiste en deslindar dentro de las lenguas funcionales y describir de manera sistemática y exhaustiva la paradigmática y sintagmática del vocabulario en el plan del contenido. Su especificidad frente al estudio funcional de las lenguas en general de lo específico de las estructuras paradigmáticas y sintagmáticas que considera.

Assim, Coseriu classifica as estruturas lexemáticas da seguinte forma:

- a. Estruturas paradigmáticas: primárias (campo léxico e classe léxica) e secundárias (modificação, desenvolvimento e composição);
- b. Estruturas sintagmáticas: afinidade, seleção, implicação.

Nesse sentido, os campos léxicos dão-se em unidades lexicais que são opostas entre si. Consoante Abbade (2011, p. 1337):

O campo léxico é, pois, uma estrutura paradigmática primária do léxico, ou melhor dizendo, é a estrutura paradigmática por excelência. As relações internas de um campo léxico enquanto estruturas de conteúdo são determinadas pelas oposições semânticas em que funcionam. Em consequência, uma tipologia dos campos deve fundamentar-se em uma classificação das



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

oposições lexemáticas. Os tipos formais de oposições constituem um ponto de partida necessário e um critério importante na tipologia dos campos. Tipos de oposições formalmente diferentes podem funcionar em um mesmo campo. Assim grand / petit constituem uma oposição privativa, mas as oposições petit / minuscule, grand / enorme, que funcionam no mesmo campo, são oposições graduais.

Desse modo, para se fazer a sistematização das lexias, é preciso partir do macro para o micro, dividindo-as em campos lexicais.

Com relação ao léxico do curandeirismo, presente nas edições semidiplomáticas produzidas a partir de documentos manuscritos do Arquivo Judiciário de Sergipe, na primeira etapa do projeto, foi realizada apenas a sistematização das lexias. Na próxima etapa de execução, foram identificados os significados de cada lexia, de acordo com o seu contexto de uso e em consonância com dicionários vernaculares. Posteriormente, foi realizada a identificação dos macro e microcampos lexicais e a alocação das lexias correspondentes a cada um desses campos, a exemplo de: “PRÁTICAS DE CURA > OBJETOS USADOS > aguardente, algodão, talho, etc”.

Ao fim dessa investigação, entende-se que as escolhas lexicais, como já mencionado, poderá dar a oportunidade de reflexão sobre uma parcela da cultura e história do século XIX, ajudando a entender a criminalização das práticas de cura místico-religiosas no Brasil e o preconceito e perseguição ainda vigentes às pessoas que se dedicam a essas práticas.

2. Objetivos

Objetivo geral:

- Proceder a um resgate sociohistórico e linguístico das práticas de cura através da análise das lexias presentes nos documentos de processos-crime de curandeirismo.

Objetivos específicos:

- Levantar as lexias referentes ao curandeirismo;
- Definir os microcampos correspondentes às lexias levantadas;



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

- Relacionar cada lexia ao microcampo adequado;
- Sistematizar as ocorrências do *corpus*;
- Identificar os significados das lexias.

3. Metodologia

Este trabalho seguiu os pressupostos teóricos e operatórios da Lexicologia, fundamentando-se especialmente na Teoria dos Campos Lexicais de Coseriu (1977). No entanto, para que o *corpus* seja melhor estudado, seguiu-se, também, os fundamentos da Filologia, tendo em vista que este trabalho visa ao estudo de manuscritos antigos. Além disso, houve o estudo sociohistórico da época em que os manuscritos foram escritos, pois contribui para o entendimento semântico das lexias, uma vez que, como já foi mencionado, o léxico é parte integrante da cultura de um povo.

Há que se considerar ainda que esta pesquisa tem uma abordagem sociohistórica sobre o curandeirismo, daí a relevância do estudo do contexto sociohistórico e cultural em que os documentos foram produzidos, bem como o contexto jurídico e os motivos pelos quais o curandeirismo era considerado um crime.

Assim, atendendo a esses requisitos teórico-metodológicos, primeiramente, foi realizada a revisão de literatura e discussões que orientaram a realização das etapas do projeto. Num segundo momento, foi feita uma visita ao Arquivo Judiciário de Sergipe, para familiarização com o *corpus* a ser estudado. Neste mesmo momento, foram produzidas fotografias digitais dos documentos, um tipo de edição filológica conhecida como fac-similar ou fac-símile.

Procedeu-se, então, à leitura das edições semidiplomáticas dos processos-crime relativos à prática de curandeirismo, produzidos na segunda metade do século XIX, de modo a se entender o contexto dos crimes descritos e identificar e levantar, ainda de modo superficial, as lexias pretendidas.

Os documentos analisados foram submetidos à edição semidiplomática em outro plano de trabalho referente a este projeto. A partir da leitura dessas edições referentes a crimes de curandeirismo, procedeu-se à identificação e sistematização das lexias desse campo temático, sendo possível observar como a escolha das palavras na escritura dos documentos tiveram a interferência dos discursos civilizatório e médico-higienista.

Uma leitura mais atenta das edições permitiu a descrição linguística dos textos, considerando, a partir da Teoria dos Campos Lexicais proposta por Coseriu



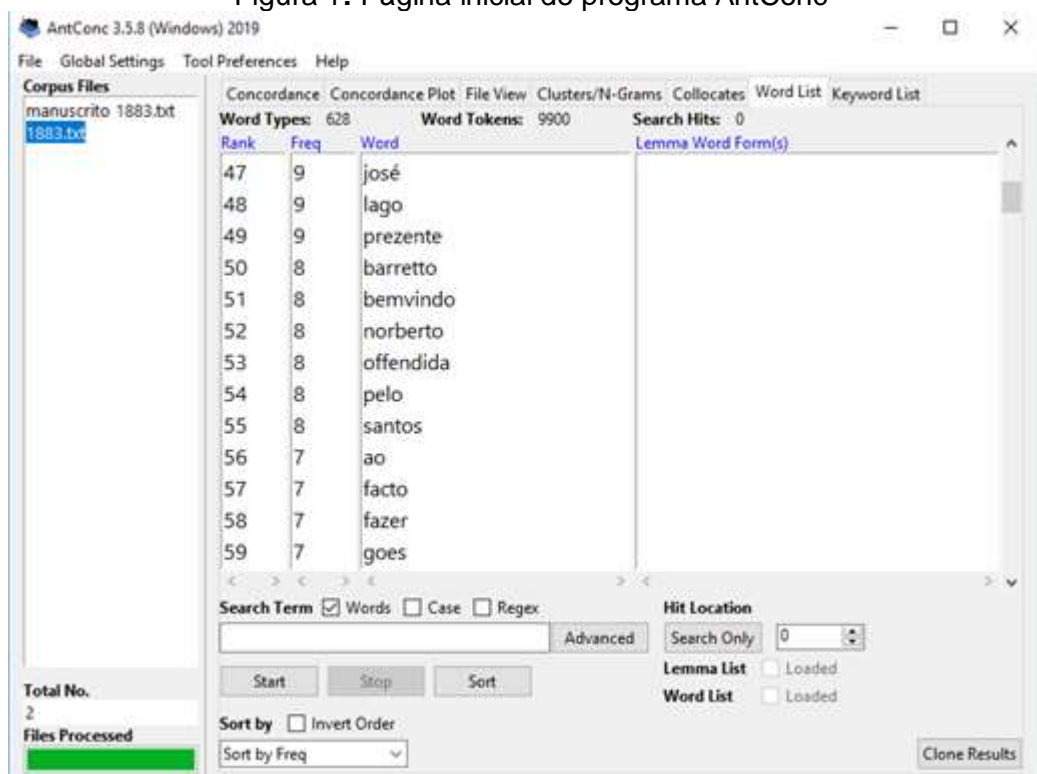
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

(1977), que se refere ao “conjunto de lexemas que dialogam entre si, por compartilharem uma similaridade de conteúdo”; a sistematização das lexias do campo lexical do curandeirismo, a identificação e estudo dos seus macro e microcampos correspondentes, assim como o estudo dos significados das lexias nos contextos em que aparecem e também em dicionários vernaculares contemporâneos aos textos.

A escolha do Campo Lexical Curandeirismo deu-se porque, de acordo com a temática dos documentos, é o campo mais produtivo e representativo. Pretende-se, com isso apresentar a interligação dos itens lexicais em seus respectivos campos, num mesmo quadro de significação.

Para adquirir a sistematização das lexias, foi usado o programa AntConc, desenvolvido por Laurence Anthony, especialmente para esse fim.

Figura 1: Página inicial do programa AntConc



Fonte: Print feito pela pesquisadora.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

Nesse programa, foi possível visualizar a frequência com que cada lexia aparece no manuscrito, além de possibilitar verificar o contexto no qual estão inseridas.

Figura 2: Demonstração de como o programa reproduz as lexias em seus contextos de uso



Fonte: Print realizado pela pesquisadora.

Posteriormente a isso, partiu-se para a alocação de cada lexia em seus macro e microcampos correspondentes.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

4. Resultados e discussões

Inicialmente, foi feita a identificação das lexias referentes ao curandeirismo presentes nos manuscritos, como apresentadas a seguir:

Inquérito 1 (1897)

OFFENDIDA	MAO	BASTANTE
ACUZZADO	PEITO PESCOÇO	CAPUXOS DEFORMIDADE
CAZA FOGO	QUEIMADURA	DERRAMAR
SOLTEIRO	AMPUTAÇÃO	DESPIDA
ROPA	ANESTHESICAS	ENCOMMODO
CHICARA	APPLICAR	FERIMENTOS
DELICTO	ASMA	OFENÇAS FIZICAS
AGUARDENTE	BOLHAS	FEITIÇARIAS
QUEIMAR	CRIME	SUBSTANCIAS
FÉ	CRIMINOZO	VENTOSA
ALGUDÃO	CURALAS	FACTO CRIMINOZO
INCENDIO	CURATIVO	FEBRE
QUEIMADURA	DELINQUENTE	VENENO
ATTAQUES	EMCENDIOU	POCO



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

FOLHAS DE BANANEIRA	ENFERMIDADE	PEQUENO TALHO
ESTADO MORBIDO	MUTILAÇÃO	OFFENÇA PHISICA

Inquérito 2 (1889)

DOENTE	GASTO ENTRITE	PEDRAS
FACTO CRIMINOZO	FRAQUEZA NAS PERNAS	REMÉDIO
FINADO	BATUQUE DO CEMITERIO	BEBERAJEM
AGUA	COBRA	GARRAFA
CABELLO	INDIVIDUO	VOMITAR
DAR	CASCA DE JUREMA	MALIFICIO
SAPO	MINISTRADO	SUBSTANCIAS
ADOENTADO	AGGRAVANDO	AGUARDENTE
ALHO	ATAQUE	CORROZIVA
CRIMINOZO	CURADO	CURAR
ENFERMA	FUMO	LAXANTE
ESTADO PATOLOGICO	VENENO	CATARRO
SANGUE	FEITIÇARIA	



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

Em seguida, analisou-se o contexto discursivo em que cada lexia estava presente, atentando-se para a sua frequência. Elaborou-se, então, um glossário¹, no qual foram inseridos os significados das lexias de acordo com dicionários vernaculares do século XIX, como o de Silva Pinto (1832) e o de Moraes Silva (1813).

As lexias são ordenadas alfabeticamente, segundo as normas do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, da Academia Brasileira de Letras (2009), com letra minúscula em negrito. Utiliza-se, como título das lexias, a sua forma moderna; não existindo forma correspondente à moderna, utiliza-se a forma presente no texto original com adaptação para as normas ortográficas atuais. Caso a forma usual hoje não tenha registro no *corpus*, as entradas recebem colchetes. Nas palavras variáveis, o infinitivo apresenta-se como entrada para os verbos e o singular masculino para os nomes e os adjetivos.

Após a entrada de cada verbete encontram-se as seguintes estruturas:

- Classificação gramatical do vocábulo;
- Número de ocorrências entre parênteses;
- Variantes ortográficas e diferentes flexões;
- Números das linhas em que ocorre;
- Informação semântica.

Além do glossário das lexias, foi produzido, através do aplicativo Mindomo, um mapa mental com os macrocampos e os microcampos do campo lexical do curandeirismo.

GLOSSÁRIO

A

[acusado] s.m. (10) accuzado (10). Pessoa a quem se imputa uma infração penal.

*(...) No mesmo acto o Delegado fez ao **accuzado** as seguintes perguntas:
Qual seu nome, estado (...)*

¹ O glossário foi elaborado a partir da proposta apresentada em Costa (2014, p. 108-135).



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

adoentado adj. (1). Que demonstra ou possui algum sintoma ou sinais de doença.

*“(...) Maria do Espirito Santo sabe que elle andando **adoentado** de um catarro foi se tratar de malificio (...)”*

[água] s. f (2) agua (2). Líquido transparente, sem gosto, cheiro, ou sabor, de que usamos para beber, lavar, etc.

*“(...) com uma beberajem digo uma beberajem branca e **agua** adodicada com gosto amargo (...)”*

*“(...) grande quantidade de materia pela a boca e **agua** de sangue por baixo (...)”*

aguardente s.f. (7). Licor espirirnosos do vinho, grãos, succo de canna, borras de assucar.

*“(...) a quem Blbino ja deu uma garrafa contendo **aguardente** de suino (...)”*

*“(....) uma posta de algudaõ em uma chicara de **aguardente** deitou esta, digo, feito, deitou um poco de (....)”*

[agravar] v.t. (1) agravando (1). Fazer pezado. Oprimir. Fazer agravo.

*“(...) voltado veio em pior estado, e que **aggravando-se** o seu estado (...)”*

alho s.m. (1). Planta hortense cuja raiz é bem conhecida.

*“(...) contendo aguardente de suino, casca de jurema, **alho** e muito fumo (...)”*

amputação s.f. (1). Na anatomia, corte, ou ação de cortar um membro.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

*“(...) se resultou ou pode resultar mutilação ou **amputação**, deformidade ou privação permanente (...)”*

[anestésico] s.m./adj. (1) anesthetics (1). Privação mais ou menos completa da sensibilidade geral, ou da sensibilidade de um órgão em particular.

*“(...) se foi ocasionado por veneno, substancias **anesthetics**, incendio, asphyxia ou inundação (...)”*

[aplicar] v.t. (1) apply (1). Pôr junto.

*“(...) disse-lhe que sabia, e na ocasião de **aplicar** o remedio nos peitos de Angelina (...)”*

asma s.f. (1) Proceeds from the catarrhal flux, that descends from the head.

*“(...) appareceo Angelina dizendo que soffria de **asma** e perguntando se elle, respondente sabia curar (...)”*

[ataque] s.m. (2) attacks (2). Acontecimento.

*“(...) soffrendo Angelina de **ataques** assuaticos e dizendolhe o accuzado prezente (...)”*

*“(...) seu filho soffrer um grande **ataque** que o prostou para vomitar uma cobra (...)”*

B

bananeira s.f. (1). Árvore que dá a banana em caixas de muitas pencas.

*“(...) até o pescoço estava coberta de folhas de **bananeira** que retirando-as encontraraõ toda regiaõ (...)”*



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

bastante adv. (1) Suficiente, que compreende o necessário.

*“(...) região do umbigo até o pescoço, queixo inferior, **bastante** estragado (...)”*

[beberagem] s.f. (3) beberajem (3) s.f. Bebida. Convite para beber.

*“(...) duas garras com uma beberagem digo uma **beberajem** branca e agua adocicada com gosto amargo (...)”*

*“(...) seu filho passando a fazer uzo de dita **beberajem** deu logo em vomitar (...)”*

*“(...) esta fazendo uso de uma **beberajem** (...)”*

bolha s.f. (1) bolhas (1) Vesícula que se forma à superfície da pele por efeito de queimadura; O mesmo que empola.

*“(...) encontrando ainda no braço direito umas **bolhas** proveniente de queimadura (...)”*

C

[cabelo] s.m. (2) cabellos (2). Pêlo da cabeça do homem, e da barba.

*“(...) vomitar o sapo e **cabellos** pela boca e que hoje mesmo ouviu (...)”*

*“(...) pequenos molhos de **cabellos**, retalhos de chita e palha de impalhar cadeira (...)”*

[capucho] s.m. (1) capuxos (1). Porção de penas, de algodão ou de outro material macio; O mesmo que chumaço.

*“(...) a aguardente queimando um dous **capuxos** de alguão, derramando-se a aguardente na ropa (...)”*



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

[casa] s.f. (1) caza (1). Moradia.

*“(...) queimar Angelina Maria da Cruz, na **Caza** d’elle declarante, a pretexto de fazer-lhe uma cura (...)”*

catarro s.m. (1). Fluxão de humor, que desce à garganta, ou para outra parte do corpo.

*“(...) elle andando adoentado de um **catarro** foi se tratar (...)”*

[cemitério] s.m. (1) cemiterio (1). Terreno delimitado em que se enterram ou depositam os mortos.

*“(...) leval-a ao batuque do **Cemiterio** (...)”*

cobra s.f. (1). Réptil venenoso.

*“(...) prostou para vomitar uma **cobra** que ella testemunha ainda vio (...)”*

[corrosivo] adj. (1) corrosiva (1). Que corrói.

*“(...) **corroziva** das substancias contidas na dita garrafa (...)”*

crime s.m. (1). Malefício contra as Leis de Deus.

*“(...) convencido por Antonio Costodio praticar o **crime** de ofenças fizicas como se vé dos depoimento (...)”*

[criminoso] s.m./ adj. (2) **criminozo** (2). Que tem crime, concerne ao crime.

*“(...) E visto que do facto **criminozo** ha indicios bastantes para procedimento oficial (...)”*

*“(...) o que sabia e prezenciara sobre o facto **criminozo** constante (...)”*



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

curar v.t. (1) curala (1). Aplicar remédios para sarar a doença.

*“(...) o accusado para tal fim tratou de **curala** dando-lhe um pequeno talho a proporção (...)”*

*“(...) sabe que Balbino de tal pretexto de **curar** de feitiçaria tem dado beberajens (...)”*

curativo s.m. (1). Concernente à cura.

*“(...) Sob pretesto de fazer nella offendida um **curativo** (...)”*

D

dar vbit. (2). Passar o próprio domínio de uma coisa a outrem. Produzir. Prescrever. Entregar.

*“(...) foi ver a garrafa que afinal Balbino prometteo **dar**, porque a isso se oppoz seu finado filho (...)”*

*“(...) para obrigar-o a **dar** remedio a doente (...)”*

deformidade s.f. (1). Fealdade.

*“(...) resutou ou pode resultar mutilação ou amputação, **deformidade** ou privação de algum orgão ou membro (...)”*

[delito] s.m. (2) delicto (2). Crime, culpa, transgressão da lei.

*“(...) o accusado presente fora prezo por ter **commetido o delicto** de queimar Angelina (...)”*

*“(...) e sabe que o accusado presente foi prezo por ter **commetido o delicto** de queimar Angelina (...)”*



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

delinquente s.m. (1). Criminoso.

*“(...) sobre o facto criminoso praticado pelo **delinquente** recebido o compromisso declarou o referido (...)”*

derramar v.t. (1). Entornar, verter. Espalhar.

*“(...) aguardente queimando um dous capuxos de algodão, **derramando-se** a aguardente na roupa de Angelina (...)”*

despido adj. (1) despida (1). Tirar o vestido do corpo. Despojar. Deixar.

*“(...) e que estava **despida** da cintura pra cima, deste ponto para cima (...)”*

doente s.m./adj. (10) adj. Falta de saúde, enfermidade.

*“(...) esteve ele mortalmente **doente**, a ponto do Sargento do destacamento ir buscalo (...)”*

*“(...) para obrigalo a dar remédio a **doente**, e que esta fazendo uzo de uma beberagem (...)”*

E

[estado mórbido] s.m. (1) estado morbido (1). Delicado, macio. Que causa doença.

*“(...) se a constituição ou **estado morbido** anterior da offendida concorre para tornal-o(...)”*

[estado patológico] s.m. (1) estado patologico (1). Concernente à patologia.

*“(...) assim capaz de produzir o **estado patológico** observado na referida doente (...)”*



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

enfermo s.m. (1) enferma (1). O que tem pouca saúde.

*“(...) promotor publico que reconheceu ser a **enferma** apresentada agora pelo Delegado de Policia (...)”*

enfermidade s.f. (1). Doença.

*“(...) si resultou ou pode resultar **enfermidade** incuravel o que [prive] para sempre a offendida (...)”*

F

[falecer] v.i. (1) falleceu (1). Faltar. Fig. Morrer.

*“(...) pretexto de curalas; e que destas **falleceu** Antonio de tal, que fez uzo de remedio (...)”*

[fato criminoso] s.m. (1) facto criminozo (1). Que tem crime, concernente a crime.

*“(...) E visto que do **facto criminozo** ha indicios bastantes para procedimento (...)”*

*“(...) declarou o que sabia e prezenciara sobre o **facto criminozo** constante a portaria (...)”*

fé s.f. (3). Crença. Fidelidade.

*“(....) fiz a prezente autoação e de tudo dou **fé** Auto de flagrante delicto No mesmo dia, mez (....)”*

*“(....) fiz e escrevi do que tudo dou **fé** Norberto de Goes Barretto Francisco Barboza (....)”*

febre s.f. (1). Movimento desordenado da massa do sangue acompanhado de calor, ou sem ele.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

*“(...) proveniente de queimadura, e, soffrendo muita **febre** (...)”*

feitiçaria s.f. (1) feitiçarias (1). Malefício diabólico.

*“(...) para fazer umas mezas, negocios de **feitiçaria** como de facto o fez, appareceo Angelina (...)”*

*“(...) disse a testemunha: que sabe que Balbino de tal a pretexto de curar de **feitiçaria** tem dado beberajens a diverças (...)”*

ferimento s.m. (1) ferimentos (1). Ato ou efeito de ferir. Ferida, corte.

*“(...) parao fim de fazer u corpo de delicto nos **ferimentos** (...)”*

finado s.m. (4). Defunto, morto. O que pôs fim à vida.

*“(...) que soffrendo, seu o **finado** Antonio, de uma fraqueza nas pernas (...)”*

*“(...) e que hoje mesmo ouvio da mai do **finado** Antonio dizer ai delegado da policia (...)”*

fogo s.m. (4). Um dos quatro elementos.

*“(...) não foi attingido pelo **fogo**, encontrando ainda no braço direito umas bolhas(...)”*

fraqueza s.f. (1). Falta de força. Diminuição de vigor. Fraqueza no corpo.

*“(...) que soffrendo, seu o finado Antonio, de uma **fraqueza** nas pernas (...)”*

fumo s.m. (1). As partes oleosas úmidas e de diversas naturezas, que exalam os corpos expostos ao fogo.

*“(...) contendo aguardente de suino, casca de jurema, alho e muito **fumo** (...)”*



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

G

garrafa s.f. (4). Botelha, vaso de vidro bojudo, com gargalo.

*“(...) ella testemunha a quem Balbino ja deu uma **garrafa** contendo aguardente de suino, casca de jurema (...)”*

*“(...) uma porta contida em uma **garrafa** que lhe sendo apresentada (...)”*

[gastroenterite] s.f. (1) gasto entrite (1). Inflamação no estômago.

*“(...) encontrou-a soffrendo de um **gastro entrite** aguda (...)”*

I

[incêndio] s.m. (2) incendio (2). Grande fogo.

*“(....) occasionado por veneno, substancias anesthesicas, **incendio** asphyxia ou inundação (....)”*

*“(....) ao segundo quizito, fogo; ao terceiro quizito, **incendio** na ropa; (....)”*

[incendiar] v.i. (1) emcendiou (1). Grande fogo.

*“(...) derramando-se a aguardente na ropa de Angelina **emcendiou** com o fogo que tirara da aguardente (...)”*

[incômodo] s.m. (1) encommodo (1). Que incomoda, que dá trabalho.

*“si produz **encommodo** de saúde que inhabilite a offendida do serviço (...)”*

[indivíduo] s.m. individuo (1). Um membro singular de qualquer espécie: v.g. um homem, uma mulher.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

*“(...) chegado ao conhecimento desta delegacia que o **indivíduo** Balbino Leite, tem ministrado substancias venenosas (...)”*

J

jurema s.f. (1). Árvore de espinhos de odor desagradável. Beberagem enfeitiçada.

*“(...) contendo aguardente de suino, casca de **jurema**, alho e muito fumo (...)”*

L

laxante s.m. (1). Medicamento usado para tratar a constipação intestinal.

*“(...) digo, ministro-lhe de **laxante** de magnize alcacinado (...)”*

M

[malefício] s.m. (2) malifício (2). O mal feito a alguém. Feitiço.

*“(...) adoentado de um catarro foi se tratar de **malifício** fora desta cidade (...)”*

*“(...) seu filho a prexto de curalo de **malifício**; que ella testemunha (...)”*

[mão] s.f. (2) mão (2). Parte do corpo humano na extremidade inferior do antebraço.

*“(...) como tambem em braço esquerdo e ante braço até a **mão**, digo ante braço duas queimaduras (...)”*

ministrar v.bit. (1) ministrado (1). Administrar medicação: ministrou o analgésico ao paciente.

*“(...) a delegacia que o individuo Balbino Leite, tem **ministrado** substancias (...)”*



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

[mutilação] s.f. (1) mutilação (1). Corte de membro, ou parte do corpo.

*“(...) se resultou ou pode resultar **mutilação** ou **amputação** (...)”*

O

[ofendido] s.m. (8) offendida (8). Que ou aquele que recebeu ou sofreu uma ofensa.

*“(...) acto de fazer lhe uma cura, a qual **offendida** acha-se aqui conduzida
(....) (um exemplo de cada sentido)”*

[ofensa física] s.f. (2) ofenças físicas (1), ofença phisica (1). Ação de agredir fisicamente.

*“(...) por Antonio Custodio praticar o crime de **ofenças físicas** como se vé dos depoimentos (...)”*

*“(...) primeiro se ha ferimento ou **ofença phisica**; segundo qual o meio accoasionou (...)”*

P

pardo adj. (1) parda (1). Termo usado para mestiços.

*“(...) examinar a pessoa de Angelina Maria da Cruz, de cor **parda**, de desoito annos mais ou menos (...)”*

pedra s.f. (1) pedras (1) s.f. Corpo sólido e duro.

*“(...) impalhar cadeira e **pedras** pelos ouvidos (...)”*



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

peito s.m. (2). A parte do corpo desde a garganta até o ventre.

*“(...) pôs fogo e encostou sobre o **peito** da offendida, reproduzio esta opperação (...)”*

*“(...) um pequeno talho a proporção de ventosa - no **peito** esquerdo, isto feito insopou uma posta de algodão (...)”*

pescoço s.m. (2). A parte inferior à cabeça.

*“(...) deste ponto para cima até o **pescoço** estava coberta de folhas de bananeiras (...)”*

*“(...) toda região do umbigo até o **pescoço**, queixo ingerior, bastante estragado a hipoderme (...)”*

[pouco] adv. (1) poco (1) adj. em pequena quantidade.

*“(...) deitou um **poco** de algodão dentro de uma chicara de aguardente (...)”*

Q

queimar v.t. (4) Abrazar. Consumir com fogo.Reduzir à cinzas.

*“(....) tinha prendido o accusado prezente no acto de **queimar** a Angelina Maria da Cruz (....)*

*“(....) foi prezo por ter commettido o delicto de **queimar** a Angelina no acto (....)*

queimadura s.f. (2). Aquela que queima.

*“(...) consideravelmente estragada, por effeito de **queimadura** de labareda; (...)”*

R

remédio s.m. (5) remedios (5). Medicamento para curar a doença.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

*“(...) o Delegado de policia que Balbino havia dado **remedios** ao dito finado e que ignora (...)”*

[roupa] s.f. (3) ropa (3). Peça de vestuário.

*“(...) derramando-se a aguardente na **ropa** de Angelina emcendiou com o fogo que tirara (...)”*

S

sangue s.m. (1). Fluido muito abundante que circula nas artérias.

*“(...) materia pela a boca de **sangue** por baixo (...)”*

sapo s.m. (2). Animal anfíbio.

*“(...) a testemunha ouvio em certa occasiao vomitar **sapo** e cabellos pela boca (...)”*

solteiro adj. (1). Que não é casado.

*“(...) e Antonio José dos Santos, conhecido por Antonio Custodio, **solteiro**, de quarenta annos de idade (...)”*

[substância] s.f. (3) substancias (3). Qualquer espécie de matéria.

*“(...) contanto outro sim que tambem fizera, uzo de **substancias** toxicas que foram apprehendidas pelo Doutor (...)”*

*“(...) a que o individuo Balbino Leite, tem ministrado **substancias** venenozas a pessoas (...)”*

T

talho s.m. (1). Golpe dado com o gume de qualquer instrumento.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

*“(...) tratou de curala dando-lhe um pequeno **talho** a proporção de ventosa - no peito esquerdo (...)”*

V

veneno s.m. (2). Nome genérico, que se dá a tudo quanto por suas qualidades malignas ataca os princípios da vida.

*“(...) se foi ocasionado por **veneno**, substancias anesthesicas, incendio, asphyxia (...)”*

[ventosa] s.f. (1) ventosa (1). Frasco de vidro aplicado à pele, para produzir uma revulsão local.

*“(...) fim tratou de curala dando-lhe um pequeno talho a proporção de **ventosa** - no peito esquerdo (...)”*

vomitar v.t. (3). Lançar pela boca com esforço o que está no estômago.

*“(...) estado a estemunha ouvio em certa ocasião **vomitar** sapo e cabellos pela boca (...)”*

*“(...) soffrer um grande ataque que o prostrou para **vomitar** uma cobra que ella testemunha ainda vio”*

X

[xícara] s.f. (2) chicara (2). Pequeno recipiente através do qual bebidas quentes ou frias são servidas.

*“(...) feito insopou uma posta de algodão em uma **chicara** de aguardente (...)”*



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

CAMPO LEXICAL				
	MACROCAMPOS	MICROCAMPOS	SUBCAMPOS	LEXIAS
CAMPO LEXICAL DO CURANDEIRISMO	PRÁTICAS DE CURA	-	-	cura; feitiçaria
	ENFERMIDADES	-	-	gastroenterite aguda, catarro, malefício, asma
	PRATICANTE DA CURA	-	-	acusado, delinquente, indivíduo, criminoso
	PREJUDICADO	NOMEAÇÃO	-	doente, enfermo, ofendida, adoentado, finado, morto
		CARACTERÍSTICAS DO PREJUDICADO	IDADE	quarenta anos, dezoito anos
			ESTADO CIVIL	solteiro
			RAÇA	cor parda



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

		PROCESSOS E MÉTODOS	AÇÃO	GENERALIDADES	Dar
				MÉTODO	aplicar, fazer curativo, curar, ministrar, derramar, incendiar, dar talho, levar ao batuque do cemitério
			INSTRUMENTOS DE TRABALHO	ORGÂNICOS	algodão, folhas de bananeira
				NÃO ORGÂNICOS	garrafa, xícara, ventosa
			SUBSTÂNCIAS	SÓLIDAS	casca de jurema, alho, fumo
				LÍQUIDAS	anestésicas, corrosiva, aguardente, laxante, bebida
				GENÉRICAS	tóxicas, venenosas, remédio, veneno



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

			UNIDADES DE PESO E MEDIDA	GRANDEZA DE VALOR DETERMINADO	capuxo
				GRANDEZA DE VALOR INDETERMINADO	pouco, bastante
	ATO CRIMINOSO		LOCAL DA REALIZAÇÃO	-	casa
			PARTES DO CORPO PREJUDICADAS	-	mão, perna, cabelo, peito, pescoço
			NOMEAÇÃO DO CRIME	-	crime, delito, fato criminoso, ofensas físicas, ofensas psíquicas



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

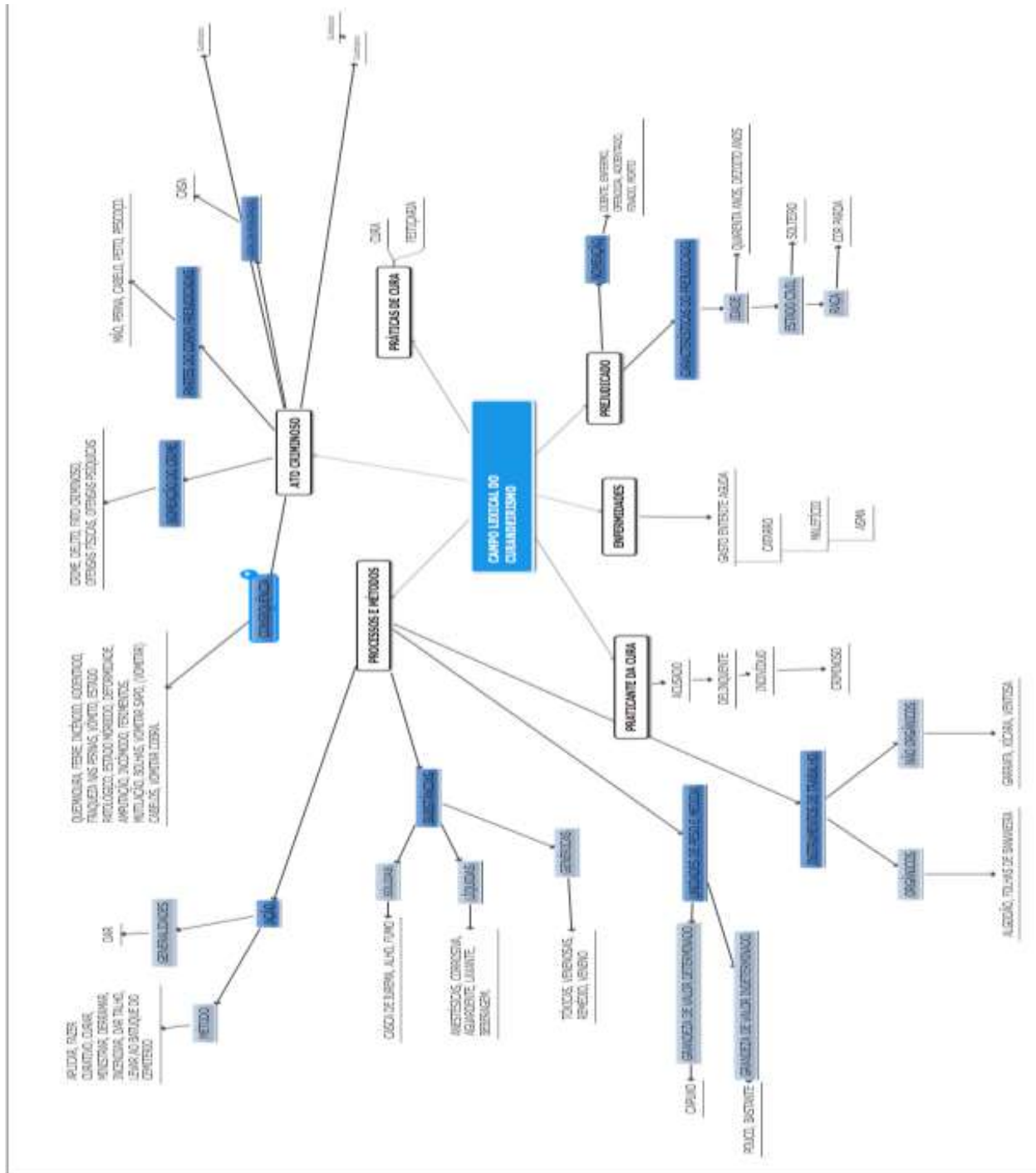
			CONSEQUÊNCIA	-	queimadura, febre, incêndio, adoentado, fraqueza nas pernas, vômito, estado patológico, estado mórbido, deformidade, amputação, incômodo, ferimentos, mutilação, bolhas, vomitar sapo, (vomitar) cabelos, vomitar cobra
--	--	--	---------------------	---	---

A elaboração da tabela foi inspirada no modelo formulado por Celina Abbade para adequar as lexias presentes nos manuscritos da Culinária Portuguesa Medieval.

O mapa mental das lexias disposto a seguir foi baseado no trabalho de Ticiane Rodrigues Nunes (2014), intitulado "Glossário de Termos do Campo Lexical Violência nos Autos de Querela do Século XIX".



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA





**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

Depois de as lexias sem retiradas dos seus contextos, foram colocadas numa tabela dividida em **Campo lexical > Macrocampos > Microcampos > Subcampos**. O campo lexical diz respeito ao Curandeirismo, que é o tema mais proveitoso para o estudo, uma vez que os manuscritos analisados são de processos-crime de pessoas que foram acusadas por curarem alguém com práticas místico-religiosas. No macrocampo, colocaram-se nomeações mais amplas referentes ao Campo lexical, que estão contidas no documento, como **Práticas de cura, Nomeação dada aos curandeiros, as Enfermidades**, etc. Já na seção dos microcampos e dos subcampos, há uma especificação desses termos, como, por exemplo, no macrocampo **Prejudicado**, há a parte das **Características do Prejudicado** (microcampo) e a subdivisão dessas características, que contemplam informações sobre a **idade, estado civil e raça** (subcampos).

Com essa divisão, é possível ter uma visão mais ampla de como as práticas de cura aconteciam na época em que foram escritos os documentos, havendo a possibilidade de perceber como a sociedade encarava tais métodos. Percebe-se isso já na primeira etapa da tabela, na qual há as denominações referentes às práticas de cura: cura, feitiçaria. O segundo termo, em específico, significa “malefício diabólico”, segundo o dicionário da época. Ou seja, os curandeiros não tinham um papel signifiicante na sociedade e seus atos eram descritos como algo inferior, referente ao diabo, ao mau.

No macrocampo das enfermidades, observam-se as doenças pelas quais as pessoas procuravam a cura: gastroenterite aguda, catarro, malefício, asma. Dá para notar como a população tinha a confiança de ir em busca de tratamentos naturais para tratar diversas enfermidades, sejam elas mais graves ou não.

Quanto ao macrocampo dos praticantes da cura, é interessante perceber a ligação semântica entre os termos, todos com teor negativo: acusado, delinquente, indivíduo, criminoso. Dentre esses termos, o que aparece com mais frequência é “acusado”, sendo repetido dez vezes no documento, ou seja, enfatiza-se a infração penal que o curandeiro cometeu.

Já no macrocampo do prejudicado, há mais informações para serem analisadas, e houve a necessidade de dividir as lexias em subcampos, diferente do que ocorre no que se referente ao curandeiro, sobre o qual não há quase nenhuma informação, a não ser as lexias ligadas às maneiras como os nomeavam. Através disso, pode-se notar que há um enfoque maior para quem sofre dos métodos ditos criminosos, conseqüentemente, dá-se uma importância e maior visibilidade para essas pessoas. No que concerne à designação para quem busca a cura, apresentam-se as lexias: doente, enfermo, ofendida, adoentado, finado, morto. As lexias “doente” (10x) e “ofendida” (8x) são as que aparecem com



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

mais frequência nos documentos. Isso porque o documento em que aparece a lexia “doente”, retrata um homem que está sofrendo com gastroenterite aguda, esse termo serve para enfatizar a gravidade da doença. Já a enferma do segundo documento é frequentemente chamada de “ofendida” porque disse ter sofrido ofensas físicas e psicológicas.

Seguindo para o macrocampo processos e métodos, constatou-se um maior número de lexias, tendo quatro microcampos e nove subcampos. Nesse sentido, nota-se que houve mais detalhes de explicação de como a cura foi realizada. No microcampo da ação, houve a divisão das generalidades e dos métodos. Generalidades só contempla o verbo “dar”, pois não se sabe o quê. Já no método, há os verbos de ação, que dizem respeito às escolhas do curandeiro para realização da cura: aplicar, fazer curativo, curar, ministrar, derramar, incendiar, dar talho, levar ao batuque do cemitério. No microcampo instrumentos de trabalho, há dois subcampos: orgânicos e não orgânicos, que dizem respeito ao que foi utilizado pelo curandeiro no ato de cura. Nos orgânicos, consta-se: algodão e folha de bananeira; no não orgânico, há garrafa, xícara e ventosa. Aqui há a confirmação de que os curandeiros se apropriavam de elementos da natureza e de objetos simples.

No microcampo de substâncias, há uma gama de lexias, que foram divididas em três subcampos: sólidas (casca de jurema, alho, fumo), líquidas (anestésicas, corrosiva, aguardente, laxante, bebida) e genéricas (tóxicas, venenosas, remédio, veneno). Observa-se que os curandeiros usavam constantemente substâncias para curar alguém, e que a dosagem errônea dessas substâncias é que acabava por prejudicar o(a) doente. É importante pontuar que a escolha do subcampo “genéricas” foi por não se ter certeza se eram substâncias líquidas ou sólidas, uma vez que essa informação não foi especificada nos documentos.

Passando para o microcampo de unidades de peso e medida, ocorreu a divisão de valor relativo e indeterminado. Percebe-se, no total, três termos lexicais, o que faz com que não se tenha certeza sobre as dosagens das substâncias, ainda mais tendo duas dessas três lexias no subcampo de genéricos, pois não se sabe o que consideraram pouco ou bastante.

No macrocampo do Ato criminoso, há o microcampo local da realização, que traz a informação de que as duas curas analisadas nos processos foram feitas na casa do curandeiro. Seguindo para o microcampo Consequência, nota-se que a tentativa de cura trouxe novas enfermidades, resultantes dos instrumentos e substâncias utilizadas: queimadura, febre, incêndio, adoentado, fraqueza nas pernas, vômito, estado patológico, estado mórbido, deformidade, amputação, incômodo, ferimentos, mutilação, bolhas, vomitar sapo, (vomitar) cabelos, vomitar



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

cobra. As partes do corpo prejudicadas, podem ser notadas no microcampo seguinte, com as lexicas: mão, perna, cabelo, peito, pescoço.

Por último, no microcampo Nomeações do crime, ficam evidentes as formas pelas quais os agentes da lei, e, de certa forma, parte da sociedade dominante, enxergavam esses métodos de cura: crime, delito, fato criminoso, ofensas físicas, ofensas psíquicas. Em nenhum momento há a menção a “método de cura” ou “processo de curar”. Os termos escolhidos para designar esse tipo de cura popular são referentes à criminalidade, o que reproduz o discurso civilizatório, fazendo com que os curandeiros fossem “o outro lado da história” ou “os que vieram para atrapalhar as evoluções da medicina”, aqueles que, portanto, estavam exercendo ilegalmente a medicina.

5. Conclusões

Empreendido este estudo, percebe-se o quão importante é a análise lexical dos documentos para entender seu contexto, tanto de uso quanto da forma como as pessoas pensavam a respeito do curandeirismo. Nesse sentido, aprofundar-se nas Teorias Lexicais levou ao alcance de resultados satisfatórios, possibilitando um resgate da cultura e história da época em que os documentos foram escritos.

Além disso, estudar o século XIX fez com que a pesquisa não ficasse com um olhar anacrônico, e permitiu entender o porquê de o curandeirismo ser um crime e o que levava a população a procurar esses praticantes da cura de modo frequente, ainda que eles fossem perseguidos pelas autoridades e pelo discurso dominante. Em pesquisa, foi notado que essa perseguição se dava pelo discurso civilizatório, que influenciava na aversão aos curandeiros.

Desse modo, observa-se que o diálogo entre várias áreas do conhecimento foi indispensável para a pesquisa, pois proporcionou alcançar conhecimentos mais profundos sobre o *corpus* analisado.

6. Perspectivas

Este trabalho é uma interpretação de um contexto socio-histórico brasileiro, portanto, destina-se à sociedade científica e em geral, que terá acesso ao seu conteúdo através de apresentações em eventos científicos e publicações de artigos, banners e capítulos de livros.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

Embora as discussões no viés acadêmico sejam importantes, levar o que se produz para fora da universidade é primordial, pois a pesquisa buscou resgatar a memória de um povo, especialmente dos curandeiros. Ainda que os curandeiros tenham sido abominados por muito tempo, hoje busca-se a compreensão dessas crenças, e o compromisso de fazê-las coexistirem com tantas outras.

7. Referências bibliográficas

ABBADE, Celina Márcia de Souza. A Lexicologia e a Teoria dos Campos Lexicais. **Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia**, Vol. XV, n. 5, t.2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011, p. 1332-1343.

ABREU JÚNIOR, L.M.; CARVALHO, E.V. O discurso médico-higienista no Brasil do início do século. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 427-451, nov. 2012.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>. Acesso em: 05 jun. 2019.

BENVENISTE, E. Estrutura das relações de pessoa no verbo. In: **Problemas de Lingüística Geral I**. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1991.

BIDERMANN, Maria Tereza Camargo. (org.) **ALFA**. Revista de Linguística. Lexicografia e Lexicologia. São Paulo: UNESP, 1984. V. 28- Suplemento.

CALEIRO, R.; SILVA, M.; JESUS, A. Os processos-crime e os arquivos do Judiciário. **Dimensões**, vol. 26, p. 302-320, 2011.

COSERIU, Eugenio. **Princípios de semântica estrutural**. Vers. esp. de Marcos Martinez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1977.

COSTA, Maria. Influências do discurso médico e do higienismo no ordenamento urbano. **Revista da ANPEGE**, v. 9, n. 11, p. 63-73, jan./jun. 2013.

COSTA, Renata Ferreira. **Memória Histórica da Capitania de São Paulo**: edição e estudo. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/publicacoes/memoria_ebook/ver/memori>



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

[a-historica-da-capitania-de-sao-paulo-edicao-e-estudo->](#). Acesso em: 10 mai. 2019.

CUNHA, C. F. **Sob a pele das palavras:** dispersos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Academia Brasileira de Letras, 2004.

DUARTE, M.C.T. Atividade antimicrobiana de plantas medicinais e aromáticas utilizadas no Brasil. **Revista MultiCiência**, n. 7, 2006.

ELIAS, N. **O processo civilizador:** Uma história dos costumes. V.I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

GONDRA, José Gonçalves. **Artes de civilizar:** medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2004.

MARTINS, Iane Campos. Positivismo e Escolanovismo em Craveiro Costa: notas sobre o Ensino de História. In: **Congresso de História da Educação do Ceará**, Juazeiro do Norte. Discursos, Ritos e Símbolos da Educação Popular, Cívica e Religiosa. Fortaleza: Imprepe, 2011.

MELLO, M. L.; OLIVEIRA, S.S. **Saúde, religião e cultura:** um diálogo a partir Health, religion and culture: a dialogue based on. p. 1024–1035, 2013.

MOLAR, J. D. O. Criminosos ou “médicos” populares? - Casos de curandeirismo em Ponta Grossa durante a década de 1950. **Revista de Historia Regional**, v. 17, n. 1, p. 303–330, 2012.

MORAIS SILVA, Antonio de. **Diccionario da Língua Portuguesa.** Lisboa: Lacérdina, 1813. Disponível em: <http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/consultaDocumentos.asp?Tipo_Consulta=Acervo&Acervo_Codigo=2&Setor_Codigo=11>. Acesso em: 13 jul. 2019.

NIKELEN, Witter. **Curandeirismo:** Um outro olhar sobre as práticas de cura no Brasil do século XIX. Centro Universitário Franciscano, 2000.

NIKELEN, Witter. **Curar como Arte e Ofício:** contribuições para um debate historiográfico sobre saúde, doença e cura. Rio de Janeiro: Ed. Tempo, 2005.

NUNES, Ticiane. **Glossário de termos do campo lexical Violência nos autos de querela do século XIX.** Universidade Estadual do Ceará: Fortaleza, 2014.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

SANTOS, E. F. **O poder dos candomblés: perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia.** Salvador: EDUFBA, 2009.

SANTOS, Hélio. Processos Crimes como Fonte Histórica: Efeito Raschomon ou Possibilidades de Conhecimento? algumas considerações metodológicas. **Congresso Internacional de História**, 2011.

TORRES, R. Saúde em 1800. p. 10–11, 2008.

PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da Lingua Brasileira** por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Provincia de Goyaz. Na Typographia de Silva, 1832. Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/en/dicionario/edicao/3>>. Acesso em: 13 jul. 2019.

XAVIER, V. R. D. O campo lexical Economia em documentos do século XVIII. **Opsis**, v. 10, n. 2, p. 191–206, 2014.

8. Outras atividades

Para que a pesquisa possa ganhar espaço na academia e fora dela, a divulgação é essencial, possibilitando a outras pessoas e ao próprio pesquisador a ampliação de discussões. Por isso, além das reuniões com o grupo de pesquisa, também ocorreu a oportunidade de apresentar três trabalhos em eventos científicos distintos.

O primeiro foi em pôster, no Congresso ABRALIN, realizado na UEFS, em Feira de Santana, no período de 23 a 24 de outubro de 2018. Foi apresentado o trabalho intitulado “A prática do curandeirismo em Sergipe do século XIX: edição e estudo lexical de um inquérito judicial”, recorte do plano de trabalho. Neste mesmo congresso, participei da programação completa de mesas-redondas, conferências, etc., além de um minicurso intitulado “Letramento e formação docente”.

O segundo trabalho, intitulado “Discurso de criminalização do curandeirismo em processos criminais sergipanos”, foi apresentado oralmente no IX ENPOLE (Encontro de Pós-Graduação em Letras), na UFS, realizado entre os dias 05 e 07 de dezembro de 2018.

O terceiro trabalho, intitulado “Práticas místico-religiosas de cura: Edição e estudo linguístico de processos-crime do século XIX”, foi apresentado oralmente na Semana de Filologia da USP, realizada em São Paulo, entre os dias 25 a 29 de abril de 2019.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

Cabe destacar que a professora orientadora desta pesquisa, a partir dos resultados obtidos, apresentou comunicação oral em evento internacional em Valência, na Espanha, o XI Congresso Internacional de Lingüística de Corpus – CILC, entre os dias 15 e 17 de maio de 2019, com o trabalho intitulado “El léxico de prácticas de cura místico religiosas en un corpus de procesos criminales brasileños de los siglos XIX y XX”.

Além disso, também foi possível a participação como aluna na “Oficina de Paleografia”, de 20 de novembro a 12 de dezembro de 2018, na UFS. Outrossim, também houve a participação no minicurso sobre “Plágio Acadêmico”, realizado na Semana Acadêmica da UFS, no dia 5 de novembro de 2018.

As experiências vivenciadas foram essenciais para que a pesquisa pudesse progredir de forma satisfatória, trazendo novos conhecimentos acerca da área e reflexões de como o trabalho poderia ser melhorado.

Os certificados dos eventos estão anexados no final do relatório.